

## ***Unaustrinkbares Licht*, de Josef Pieper: 60 anos de um texto primordial**

Roberto C. G. Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o livro *Unaustrinkbares Licht*, de Josef Pieper. Publicado em 1953, ele sustenta que o conceito de Criação é fundamental para a filosofia de Tomás de Aquino e a razão por que as coisas são, ao mesmo tempo, cognoscíveis e não completamente cognoscíveis para o ser humano.

**Palavras Chave:** *Philosophia negativa – Theologia negativa – Tomás de Aquino – Josef Pieper.*

**Abstract:** This paper analyses *Unaustrinkbares Licht*, by Josef Pieper. Published in 1953, it argues that the concept of Creation is fundamental to philosophy of Thomas Aquinas and it is the reason why the things are both knowable and unknowable to human being.

**Keywords:** *Philosophia negativa – Theologia negativa – Thomas Aquinas – Josef Pieper.*

Em 1953 – portanto, há exatos 60 anos –, a Kösel Verlag, uma das mais antigas editoras da Alemanha, fundada em 1593 e instalada em Munique, publicou um livro do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997), então com 49 anos de idade, intitulado *Philosophia negativa – Zwei Versuche über Thomas von Aquin* (Filosofia negativa – Dois ensaios sobre Tomás de Aquino), com 104 páginas. Essa obra foi republicada dez anos depois, pela mesma editora, agora com o título *Unaustrinkbares Licht – Über das negative Element in der Weltansicht des Thomas von Aquin* (Luz inabarcável – Sobre o elemento negativo na visão de mundo de Tomás de Aquino).

Quatro anos depois da edição original, em 1957, o livro foi traduzido para o inglês e lançado nos Estados Unidos sob o título *The silence of St. Thomas* (New York: Pantheon), sendo republicado outras duas vezes, em 1965 e em 1999, pelas editoras Regnery, de Chicago, e St. Augustine's Press, de South Bend, respectivamente. Naquele mesmo ano de 1957, a editora Faber & Faber, de Londres, lançou na Inglaterra *The silence of St. Thomas (Philosophia negativa)*, contendo também o *Unaustrinkbares Licht*.

Outros dois países viram a publicação do mesmo texto de Pieper – Brasil e Suíça. No Brasil, ele apareceu em 1995, no número 5 da *Revista de Estudos Árabes* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Em tradução de Gabriele Greggersen, recebeu o título de *O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino – A propósito de uma sentença de Avicena*. Essa tradução foi republicada outras vezes nas revistas eletrônicas mantidas pelo Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da USP, com o título *Luz inabarcável – O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino*. Ela apareceu, por exemplo, na edição número 1 de *Convenit Internacional*<sup>2</sup> e no número 28 da *Revista Internacionl d'Humanitats*<sup>3</sup>.

Já na Suíça, o livro de Pieper veio a público em 2007, dado pela editora Ad Solem, de Genebra, sob o título *Fiat Lux – L'élément négatif dans la philosophie de Saint Thomas d'Aquin (Philosophia negativa)*.

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado (Unifiam), em São Paulo.

<sup>2</sup> Disponível em [www.hottopos.com/convenit/jp1.htm](http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm).

<sup>3</sup> Disponível em [www.hottopos.com/rih28/31-42JPpr.pdf](http://www.hottopos.com/rih28/31-42JPpr.pdf).

Percebe-se, assim, que a difusão de *Unaustrinkbares Licht* ainda não é ampla – principalmente se comparada com a fortuna dos estudos de Pieper sobre as virtudes cardeais, das interpretações do filósofo sobre Platão e Tomás de Aquino e das suas instigantes concepções sobre o filosofar, publicados em pelo menos 18 idiomas na Europa, Ásia, América do Norte e América do Sul.

No entanto, apesar desse relativo desconhecimento, *Unaustrinkbares Licht* é um texto de importância primordial, imprescindível para a compreensão da filosofia de Pieper – e de Tomás de Aquino –, segundo as palavras do próprio filósofo alemão, em carta que endereçou em 1983 ao professor Jean Lauand, da Faculdade de Educação da USP, pioneiro no estudo do pensamento de Pieper no Brasil<sup>4</sup>.

### O conceito de Criação

De fato, é impossível exagerar a importância dessa obra de Pieper. Ela começa expressando uma intuição do filósofo alemão a respeito da dificuldade de interpretar um texto antigo. Essa dificuldade reside no fato de que, no texto a ser interpretado, permanece não expresso aquilo que para o autor é evidente – e por isso mesmo não expresso –, enquanto para o intérprete essa evidência não está clara.

Como afirma Pieper:

Na interpretação de um texto, especialmente quando provém de cultura e época estranhas para nós, o que é essencialmente decisivo – e, ao mesmo tempo, também o mais difícil – é precisamente isto: apreender as evidências fundamentais que, de modo não expresso, permeiam o texto; descobrir a chave oculta, subjacente àquilo que está expressamente dito.<sup>5</sup>

Uma interpretação que não alcance o “não dito no dito” de um texto, continua Pieper, necessariamente permanecerá inapropriada, ainda que o literalmente dito esteja formulado do modo mais erudito possível.

Para vencer essa dificuldade – compreender o sentido mais profundo do texto, aquilo que está nas entrelinhas, o que não foi expresso por se tratar de algo evidente para o autor –, o intérprete moderno deve atentar para uma possibilidade de decifração que Pieper constatou ser eficaz: segundo ele, o não dito se manifesta como que por uma “brecha”, uma “fenda” na estrutura, revelando-se por “saltos bruscos” no fluxo de encadeamento das ideias. Trata-se de uma “inconsequência argumentativa”. Por isso, o decisivamente importante, sempre segundo Pieper, é que o intérprete mantenha-se vigilante, à espreita de tais aparentes “incoerências”.

Pieper aplica essa noção do “não dito” à obra do filósofo medieval Tomás de Aquino (1225-1274). Segundo ele, na filosofia do Aquinate existe um pensamento fundamental, a partir do qual se determinam praticamente todos os elementos estruturadores de sua visão de mundo: o conceito de Criação. Ou seja, o conceito de que não há nada que não seja *creatura*, a não ser o *Creator*. E ainda, relacionada diretamente com esse conceito, a ideia de que a “criaturalidade” – o fato de ser criatura – determina toda a estrutura interna da *creatura*.

---

<sup>4</sup> Jean Lauand, *O que é uma universidade? – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*, p. 111.

<sup>5</sup> Josef Pieper, *O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino – A propósito de uma sentença de Avicena*, p. 54.

Pieper reconhece que pode parecer nada surpreendente que o conceito de Criação represente o centro da visão de mundo de um filósofo medieval. Mesmo porque, como é amplamente sabido, Tomás desenvolveu uma detalhada e expressa doutrina da Criação. Porém, o que não é evidente é que o conceito de Criação determina e perpassa a estrutura interna de praticamente todos os conceitos fundamentais da doutrina filosófica do ser em Tomás de Aquino. Tanto não é evidente que esse elemento basilar da filosofia tomasiana não é sequer citado nas interpretações “escolares” do Aquinate, e essa omissão conduz a sucessivos equívocos de interpretação por parte dos epígonos de Tomás, em grande parte condicionados pela filosofia iluminista.

Esses equívocos acontecem, por exemplo, na interpretação do sentido de sentenças como “todo ser é bom” e “todo ser é verdadeiro”. Segundo Pieper, que as coisas são boas pelo simples fato de serem e que essa bondade é idêntica ao ser das coisas (e não, por assim dizer, alguma propriedade a ser-lhes meramente acrescentada) significa ainda que a palavra “verdadeiro” é também um autêntico sinônimo para “ente”. Portanto, o ente enquanto ente é que é verdadeiro.

Não se trata, sustenta Pieper, de “primeiro” dar-se o ser para, “depois”, “além disso”, o ser verdadeiro. “Tais reflexões”, continua o filósofo alemão, “se não partirem do ser das coisas, formalmente entendidas como *creatura*, perdem todo o seu sal. Tornam-se insossas, estéreis, tautológicas.”

Com isso, Pieper pode afirmar que “a doutrina da verdade de Tomás de Aquino só pode ser determinada em sua significação própria e mais profunda se, formalmente, colocarmos em jogo o conceito de Criação”. Esse conceito, por sua vez, está intimamente relacionado com o elemento negativo de incognoscibilidade e de mistério.

## O ser pensado

Para Tomás de Aquino, somente o pensado pode chamar-se, em sentido estrito, “verdadeiro” – como será expresso mais tarde pela filosofia moderna. Porém, a diferença entre os filósofos modernos e o pensamento tomasiano é que, enquanto para Bacon e Kant não se pode chamar de verdadeira a realidade, mas apenas o pensado, para Tomás, as coisas reais são, de fato, algo pensado. Elas são reais por serem pensadas. Ou melhor, são reais pelo fato de serem criadoramente pensadas.

Pieper acrescenta:

As coisas têm a sua essência por “serem pensadas”: isso deve ser entendido de modo extremamente literal, e não em algum sentido meramente ‘figurado’. E, assim, porque as próprias coisas são pensamentos e possuem, portanto, um ‘caráter verbal’ (como diz Guardini), por essa mesma razão é que elas podem, no mais preciso sentido do uso corrente, ser chamadas “verdadeiras” – do mesmo modo que o pensamento e o pensado.<sup>6</sup>

Lembrando que, a partir do pensamento moderno – tomado pelo racionalismo –, não é possível compreender que as essências das coisas existem somente porque são consideradas como “pensadas”, Pieper destaca que essa tese de Tomás de Aquino ganhou o respaldo até mesmo do existencialismo. Pois é Sartre quem afirma em *L’existencialisme est un humanisme*: “Não há essência do homem, porque não há Deus para concebê-la”.

---

<sup>6</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 59.

Em sua radical negação de Deus e do conceito de Criação, Sartre acaba corroborando a ideia de que há uma essência das coisas na medida em que esta é pensada. Um abridor de cartas, por exemplo, possui uma “essência” porque existe o homem e sua inteligência capaz de projetar, de planejar, de “conceber” um abridor de latas. Por isso, para Sartre, como não há uma inteligência criadora que pudesse projetar, planejar, conceber os seres humanos e a natureza, não existe uma essência do homem e das coisas naturais.

Já Tomás de Aquino, partindo do mesmo princípio de que as coisas têm uma essência porque são pensadas, chega a uma conclusão diferente da de Sartre: porque Deus concebeu as coisas, por isso é que elas têm uma essência. Pieper cita um trecho da *Suma Teológica* (I, 93, 7) em que Tomás trata dessa questão: “Precisamente esse fato, o de que a criatura possua uma substância determinada e definida, mostra que ela provém de alguma origem. Sua forma essencial (...) aponta para a Palavra daquele que a fez, tal como a estrutura de uma casa remete à concepção de seu arquiteto”.

Pieper completa:

O que há de comum entre Sartre e Tomás é, como se vê, o pressuposto de que não se possa falar em essência das coisas, a não ser que esta seja expressamente entendida enquanto *creatura*.<sup>7</sup>

### O conhecimento das coisas

A importância dessa doutrina de Tomás reside no fato de que é justamente o fato de serem pensadas que garante a inteligibilidade das coisas naturais pelo intelecto humano. Acontece que, para o Aquinate, a realidade natural está situada entre dois cognoscentes, o intelecto divino e o intelecto humano – o que constitui a base fundamental do pensamento tomasiano sobre a verdade das coisas.

A estrutura da realidade total, como diz Pieper, se estabelece entre a inteligência absolutamente criadora do conhecimento de Deus, que pensa o ser, e a inteligência imitativa do homem, que se dirige para o ser. É uma estrutura articulada entre “Projetador” e “realização do projeto”.

Entra em evidência aqui o conceito de *mensura*, “medida”, não no sentido quantitativo – como quando se diz um litro de leite ou um quilo de feijão –, mas no sentido qualitativo, ligado à forma, às noções de “dar medida” e de “receber medida”. Assim, o pensamento criador de Deus dá medida e não é medido; a realidade natural recebe medida desse pensamento criador e dá medida para o intelecto humano; e o conhecimento humano recebe medida e não mede (a não ser no caso do artista, por exemplo, que atribui medida à obra de arte).

Há, portanto, aponta Pieper, um duplo conceito de “verdade das coisas”: o primeiro afirma o ser pensado por Deus e o segundo, a inteligibilidade para o espírito humano.

Segundo as palavras de Pieper:

A sentença que diz “as coisas são verdadeiras” significa, em primeiro lugar, portanto: as coisas são criadoramente pensadas por Deus; e, por outro lado: as coisas são, por si mesmas, acessíveis e apreensíveis para o conhecimento humano.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 60.

<sup>8</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 62.

Isso significa – continua Pieper – que as coisas são inteligíveis para nós porque foram pensadas por Deus. Enquanto pensadas por Deus, as coisas são dotadas não apenas de sua essência, algo como que “para si mesmas”, mas detêm ainda um ser “para nós”.

Ainda de acordo com Pieper:

As coisas têm a sua inteligibilidade, a sua luz interna, a sua luminosidade, o seu caráter manifestativo, devido ao fato de que Deus as pensou; por essa razão, são essencialmente pensamento. A claridade e a luminosidade, que jorram do pensar criador de Deus para o interior das coisas, junto com seu ser (junto com seu ser, não! *Como* o seu próprio ser! – essa luz interna – e só ela – é o que torna as coisas existentes apreensíveis ao intelecto humano.<sup>9</sup>

Acrescentem-se duas citações de Tomás, que confirma o que acaba de ser dito: “Uma coisa tem de realidade tanto quanto tem de luz”, ele afirma num comentário às Escrituras<sup>10</sup>, e “O próprio ser real das coisas é sua luz”<sup>11</sup>. É essa luz, esclarece Pieper, o que torna as coisas visíveis ao olho humano. Por isso é que se pode dizer que as coisas são inteligíveis pelo fato de serem pensadas.

### **Filosofia negativa**

Assim como o fato de as coisas serem criadas garante sua inteligibilidade pelo intelecto humano, esse mesmo fato é o fundamento da incognoscibilidade dessas coisas. Explica-se. De acordo com Tomás, pode-se falar de “verdade” em dois sentidos: primeiro, no sentido de que as coisas, como *creaturae*, correspondem ao pensamento criador de Deus – no que consiste formalmente a verdade das coisas; e, segundo, no sentido de que o conhecimento do homem é verdadeiro de acordo com a medida que recebe da realidade. É nessa correspondência entre o intelecto humano e a realidade que consiste formalmente a verdade do conhecimento humano. Como diz Tomás na *Suma Teológica* (I, 21, 2): “Quando as coisas são a medida e o padrão de orientação do intelecto, então a verdade consiste em que o intelecto se conforme às coisas (...). Quando, porém, é o intelecto o padrão de orientação e medida das coisas, então a verdade consiste em que as coisas se conformem ao intelecto”.

Pieper observa que essas duas correspondências (pensamento para com a realidade, de um lado, e realidade para com o Pensamento, de outro) significam, ambas, “verdade” enquanto adequação, mas há nelas uma diferença fundamental: a primeira pode se tornar objeto de conhecimento humano, mas a segunda não pode. A primeira é inteligível ao homem, porém a segunda não o é.

Como Pieper explicita:

O homem pode perfeitamente conhecer não apenas as coisas, mas também a relação de correspondência existente entre as coisas e o seu próprio conceito das coisas. Isto é, o homem tem o poder de, para além de uma ingênua constatação das coisas, reconhecê-las com juízo e reflexão. Em outras palavras, o conhecimento humano não tem apenas o poder de ser verdadeiro, mas ainda o de reconhecimento da verdade. Todavia, a correspondência das coisas para com o conhecimento criador de Deus, na qual primária e propriamente reside a verdade das

---

<sup>9</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 62.

<sup>10</sup> *Comentário a 1 Tm* 6,4.

<sup>11</sup> *Comentário ao Lóber de causis* 1,6.

coisas (...) – essa correspondência entre a realidade natural e o conhecimento arquetípico de Deus não nos é possível conhecer formalmente.<sup>12</sup>

O homem possui a potência de conhecimento das coisas, contudo não lhe é possível conhecer formalmente a verdade delas, continua Pieper. Conhecemos a imagem imitativa, mas não a sua correspondência para com o arquétipo, a relação entre o ser pensado e o seu projeto. Tal correspondência – em que consiste de modo primário a verdade das coisas, repete Pieper – está inapelavelmente oculta ao ser humano.

“Incognoscibilidade” deve ser entendida aqui não como se existisse algo em si mesmo impossível de conhecer ou em que nem mesmo houvesse alguma coisa a se conhecer. Antes, refere-se à insuficiência do intelecto humano para apreender determinadas coisas, pois seu poder cognitivo não é suficientemente penetrante. Não é que exista algo inacessível ou escuro em si mesmo, mas sim, pelo contrário, que existam coisas com tanta luz que uma dada potência de conhecimento infinita não pode exauri-la, porque ultrapassa seu poder de captação e escapa ao seu alcance apreensivo.

Como afirma Pieper, a incognoscibilidade das coisas – no sentido de ser inexaurível – faz parte imediata do conceito de verdade das coisas. Ou seja, o fato de que sua cognoscibilidade não possa ser exaurida por uma potência cognoscitiva finita faz parte da essência das coisas – porque elas são criatura. A causa de sua cognoscibilidade tem o efeito contrário da incognoscibilidade.

Nas palavras de Pieper:

É da essência de todos os entes (enquanto *creatura*) o serem “formados-segundo”, de acordo com um arquétipo, que reside no absolutamente criacional conhecimento de Deus. *Creatura in Deo est creatrix essentia*, a criatura é, em Deus, essência criadora; assim está escrito no Comentário a João de Tomás; e na *Summa Theologica*: “Todo o real possui a verdade de sua essência, na medida em que reproduz o saber de Deus”.<sup>13</sup>

Tomás de Aquino considera numa frase do filósofo persa Avicena (980-1037) uma “evidência” de que a verdade das coisas reside no fato de serem pensadas por Deus. Pieper, no entanto, não vê nenhuma relação entre a sentença de Avicena e o conceito tomasiano de verdade. A frase diz: “A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante”. Para Pieper, trata-se de um daqueles “saltos” argumentativos ou “desníveis” no fluxo do pensamento, nos quais se revela, como que por entre uma “fenda” na estrutura, o não dito de sua doutrina – o que deu margem à composição do *Unaustrinkbares Licht* e justifica o título da primeira edição brasileira do texto. “Essa manifesta ‘brecha’ na argumentação, como dizíamos, certamente só poderá ser entendida no sentido de que Tomás simplesmente não pode deixar de associar a ideia de que as coisas possuem um ‘quê’ – uma quiddidade de conteúdo determinado – à ideia de que essa essência das coisas seja o fruto de uma inteligência planejante criadora”, escreve Pieper<sup>14</sup>.

No conceito tomasiano de verdade é que se encontra a origem do elemento “negativo” não só da filosofia, mas também da teologia de Tomás. Pieper lembra que

---

<sup>12</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 64-65.

<sup>13</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 67.

<sup>14</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 68.

raramente se faz menção ao fato de que, na *Suma Teológica*, a discussão sobre Deus começa com a seguinte sentença: “Não podemos saber o que Deus é, mas sim o que Ele não é” (I, 3, prólogo). No *Comentário ao De Trinitate* de Boécio, Tomás afirma que o grau mais elevado de conhecimento de Deus é o que O reconhece como o Desconhecido. E o Aquinate afirma ainda: “Este é o máximo grau de conhecimento humano de Deus: saber que não O conhecemos”<sup>15</sup>.

Já no que se refere ao elemento negativo da filosofia de Tomás, Pieper destaca algumas frases do Aquinate que igualmente são ignoradas pelos manuais tomistas. A começar de uma sentença encontrada no comentário ao *Symbolum Apostolicum*, segundo a qual nenhum filósofo é capaz de esgotar o conhecimento da essência de uma mosca sequer.

A respeito dessas sentenças, Pieper destaca:

Algumas delas são espantosamente “negativas”, como por exemplo a seguinte: *Rerum essentiae sunt nobis ignotae*; “as essências das coisas nos são desconhecidas” (*Quest. Disp. de veritate*, 10,1). E essa formulação não é, de modo algum, tão incomum e extraordinária quanto poderia parecer à primeira vista. Seria facilmente possível equipará-la (a partir da *Summa Theologica*, da *Summa contra Gentes*, dos *Comentários a Aristóteles*, das *Quaestiones Disputatae*) a uma dúzia de frases semelhantes: *Principia essentialia rerum sunt nobis ignota* (*In de Anima* 1, 1, 15); *formae substantiales per se ipsas sunt ignotae* (*Quaest. Ddisp. de spiritualibus criaturis*, 11 ad 3); *differentiae essentialia sunt nobis ignotae* (*Quaest. Disp. de veritate* 4, 1 ad 8). Todas elas afirmam que os “princípios da essência”, as “formas substanciais”, as “diferenças essenciais” das coisas não são conhecidas.<sup>16</sup>

Embora o pensamento de Tomás esteja marcado pela negatividade, esse elemento negativo não consiste em que o conhecimento humano não atinja o ser das coisas, esclarece Pieper, que cita uma sentença do Aquinate a esse respeito: “A inteligência penetra até a essência das coisas”. O elemento negativo e a capacidade de chegar às essências são correlatos. Segundo Pieper, o fato de que o intelecto atinge as coisas manifesta-se em que ele se precipita em insondáveis profundezas de luz. Porque o espírito atinge o ser das coisas, experimenta a inesgotabilidade delas.

É por isso que não se pode falar em agnosticismo em Tomás. Não é que as coisas sejam incognoscíveis em si. Trata-se, antes, do contrário disso: em função de serem *creatura*, elas possuem uma luz inesgotável, uma luz inabarcável pelo finito conhecimento humano, como diz Pieper:

Essa estrutura significa – dado seu caráter de ser pensado pelo Creator – que as coisas possuem tanto a luminosidade e o caráter manifestativo na medida de seu ser como também, ao mesmo tempo, sua inesgotabilidade e seu caráter “inexaurível”: sua cognoscibilidade, bem como sua não cognoscibilidade.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> *Quest. Disp. de potentia Dei*, 7, 5 ad 14.

<sup>16</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 70.

<sup>17</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 73-74.

Pieper acrescenta que, na doutrina de Tomás, a estrutura de esperança da existência humana se exprime como a de um ser cognoscente, de estrutura essencialmente não fixável: em seu conhecer não se dá uma cabal apreensão ou um cabal “ter” conhecimento de algo; mas também não um completo “não ter”. O que, sim, se dá é um não ter ainda.

Num dos últimos parágrafos de *Unaustrinkbares Licht*, Pieper define bem a condição humana no que se refere à busca pelo conhecimento:

O cognoscente é visto como *viator*, um ser que está a caminho. Isso significa, por um lado: os seus passos têm sentido, não são, por princípio, vãos, mas aproximam-se de um objetivo. Isso, porém, não pode ser pensado sem o outro elemento: enquanto durar para o homem, na condição de ser existente, o “estar a caminho”, permanecerá igualmente infundável o seu caminho de conhecimento. E essa estrutura de esperança do que indaga pelo ser das coisas, do conhecimento filosófico, funda-se, afirmemo-lo uma vez mais, no fato de o mundo ser *creatura*; o mundo, tanto quanto o próprio ser humano cognoscente.<sup>18</sup>

Como se pode notar, *Unaustrinkbares Licht* é um dos textos mais profundos de Pieper. Trata a questão do conhecimento humano de forma original, instigante e muito distinta da tradicional e racionalista epistemologia contemporânea. Um livro para ser cada vez mais lido e relido.

### Referências bibliográficas

LAUAND, JEAN. *O que é uma universidade? – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PIEPER, JOSEF. *Unaustrinkbares Licht* in: *Werke*, Bd. 2, Darstellungen und Interpretationen: Thomas von Aquin und die Scholastik. Herausgegeben Von Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1995-2008, 112-129.

\_\_\_\_\_. “O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino – A propósito de uma sentença de Avicena”, in: *Revista de Estudos Árabes*, número 5, jan-dez 1995. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), p. 53-75.

Recebido para publicação em 09-03-13; aceito em 21-04-13

---

<sup>18</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 74.